A TRANSFORMAÇÃO
(A METAMORFOSE)

FRANZ KAFKA

A TRANSFORMAÇÃO
(A METAMORFOSE)

Conforme o texto da edição crítica
Tradução do alemão de Álvaro Gonçalves
Revista pelo tradutor

Capa da 1.ª edição de *A Transformação.*

INTRODUÇÃO

O processo de escrita da novela *A Transformação (A Metamorfose)* está singularmente bem documentado tanto nos *Diários* como na correspondência de Franz Kafka[1] dirigida ao seu editor Kurt Wolff e, em especial, àquela que viria a ser a sua noiva, Felice Bauer. Em carta de 17 de novembro de 1912[2], Kafka refere-se a «uma pequena história» que lhe tinha vindo à mente enquanto se encontrava deitado na cama num estado miserável e se sentia intimamente atormentado por ela. Vinte dias depois, numa outra carta escrita na noite do dia 6 de dezembro, Kafka dá por terminada a história, confessando ainda a sua insatisfação com a forma como a mesma termina. Independentemente desta insatisfação, que, de resto, acompanha toda a sua obra, uma novela concebida em vinte dias, durante o período de interrupção da redação do romance *O Desaparecido*[3] e apenas

[1] *Cf.* Franz Kafka (1983), *Über das Schreiben,* herausgegeben von Erich Heller und Joachim Beug, Frankfurt a. M., FTV, 51-61.

[2] *Cf.* Franz Kafka (2003), *Briefe an Felice,* herausgegeben von Erich Heller und Jürgen Born, Frankfurt a. M., FTV, 102.

[3] Franz Kafka (2004), *O Desaparecido,* trad. de José Miranda Justo, Lisboa, Relógio D'Água.

dois meses após o registo de *A Sentença*[1], só poderia tê-lo sido também de acordo com o critério rigoroso da «verdade interior[2]» (*innere Wahrheit*), a que aliás submete tudo o que escreve. É justamente esta «verdade interior» que o leva a «poupar» as primeiras cinquenta páginas do romance inacabado *O Desaparecido,* repudiando as restantes quinhentas e cinquenta páginas. Estas cinquenta páginas viriam a ser publicadas em forma de livro com o título *O Fogueiro*[3]. Ao contrário dos três grandes romances, publicados postumamente pelo amigo e testamenteiro Max Brod (*O Desaparecido, O Processo* e *O Castelo*), porque renegados pelo autor, Kafka mostra-se especialmente interessado em publicar a novela a que insistentemente e em sucessivas cartas dirigidas à sua noiva Felice Bauer chama a «minha pequena história», inserida numa coleção de três novelas com o título de *Os Filhos* e de que fariam parte os outros dois textos, *A Sentença* e *O Fogueiro*. Em carta dirigida ao editor Kurt Wolff, em 11 de abril de 1913, Kafka refere-se à ligação íntima existente entre as três histórias: «*O Fogueiro, A Transformação* e *A Sentença* estão exterior e interiormente relacionadas umas com as outras, havendo entre elas uma manifesta e,

[1] *Cf.* Franz Kafka (2004), *Os Contos,* tradução do alemão de Álvaro Gonçalves, Manuel Resende e José Maria Vieira Mendes, coord. de José Maria Vieira Mendes, Lisboa, Assírio & Alvim, 53-70.
[2] *Cf.* Franz Kafka ((1983), *Über das Schreiben,* ed. cit., 41.
[3] Franz Kafka (2002), *O Fogueiro,* trad. do alemão de Álvaro Gonçalves, Lisboa, Assírio & Alvim.

mais ainda, secreta ligação [...].»[1] No entanto, não obstante o editor ter inicialmente aceitado o projeto, a ideia da publicação dos três textos com o título *Os Filhos* não se concretiza. Apesar de se sentir comprometido com o seu editor, Kafka envia a história, em 1914, à revista *Neue Rundschau* da editora S. Fischer, cujo redator, Robert Musil, se interessava na altura por Kafka. Mas a redação conservadora da revista rejeita o pedido de publicação[2] proposto pelo autor do romance *O Homem sem Qualidades* (*Der Mann ohne Eigenschaften*).

A publicação em folhetins do romance do seu amigo Max Brod, *Tycho Brahes Weg zu Gott* («O Caminho para Deus de Tycho Brache»), na revista mensal *Die Weissen Blätter,* coordenada por René Schickele e publicada na casa editora de Kurt Wolff, leva Kafka a interessar-se pela revista. Assim, contrariando a sua postura habitual, Kafka, em carta a Kurt Wolff, de 7 de abril de 1915, diz estar particularmente interessado em que a obra seja publicada na revista. A novela vem a público no número de outubro de 1915. Imediatamente a seguir, a editora Kurt Wolff Verlag propõe a publicação em separado na coleção responsável pela divulgação dos grandes nomes do expressionismo alemão,

---

[1] Kurt Wolff (1996), *Briefwechsel eines Verlegers,* hg. von Bernhard Zeller und Ellen Otten, Verlag Heinrich Scheffler, Frankfurt, 30. Cf. Edição portuguesa: Franz Kafka (2007), *Os Filhos,* trad. do alemão de Álvaro Gonçalves, Lisboa, Assírio & Alvim.

[2] *Cf.* Paul Raabe (1973), «Nachwort», in: *Franz Kafka, Sämtliche Erzählungen,* hrsg. von Paul Raabe, Frankfurt a. M., FTV, 397.

Der Jüngste Tag. Die Bücherei einer Epoche[1] (*O Dia do Juízo. A Biblioteca de uma Época*). A «pequena história», que viria a ser provavelmente o texto paradigmático e mais conhecido de Kafka, sai em livro na editora Kurt Wolff Verlag no mesmo ano da publicação em revista.

A novela *A Transformação / A Metamorfose* tem vindo a ser traduzido de uma forma sistemática com o título *La Métamorphose / (The) Metamorphosis* nas línguas francesa e inglesa, tendo as primeiras versões portuguesas adotado esta variante, quer por terem sido traduzidas a partir destas línguas, quer por influência das mesmas. Na edição que se apresenta aqui, porém, optei pelo título *A Transformação* por três razões:

· A variante «transformação» corresponde rigorosamente ao original alemão «Verwandlung». A variante portuguesa «metamorfose» possui, por sua vez, correspondência em alemão que é «Metamorphose».

· Em relação a este aspeto, convém salientar que Kafka evita sistematicamente o recurso a expressões «técnicas» ou «científicas», procurando expressar-se através do uso, de uma forma muito original e criativa, do chamado alemão praguense (*Prager Deutsch*), que era em si pobre em vocabulário, «frio» e burocrático, pondo-o ao serviço de «uma nova expressividade, que se associa simultaneamente a uma notória sobriedade»[2], ao contrário do que acontecia com

[1] *Cf.* Ludwig Scheidel (1996), *O Expressionismo Literário — Poesia. Prosa. Drama. (Textos e Documentos),* Coimbra, Minerva, 14.

[2] Joachim Pfeiffer (2001), *Franz Kafka: «Die Verwandlung» / «Brief an den Vater»* (Oldenbourg Interpretation, Band 91), Munique, Oldenbourg, 60.

outros autores de Praga contemporâneos de Kafka, que optaram por compensar essa pobreza expressiva do alemão falado na Praga finissecular com o estilo empolado e barroco. Assim, dificilmente se imagina que Kafka utilizasse a expressão de certo modo técnica «*Die Metamorphose*» como título para a novela em questão.

· A expressão «metamorfose», como se sabe, é uma expressão técnica que designa a transformação que certos animais sofrem — na forma e na estrutura — durante o seu desenvolvimento, desde o nascimento até à idade adulta. É uma «metamorfose» lenta, faseada e previsível, ao contrário do que acontece com Gregor Samsa, que, segundo o narrador, após ter acordado de «sonhos inquietos», se viu na sua cama transformado de uma forma radical e completamente imprevisível «num monstruoso inseto». É de salientar ainda que a «transformação» de Gregor Samsa pouco ou nada tem a ver quer com as «metamorfoses» mitológicas, quer com as dos contos de fadas. A descrição quase naturalista do ambiente que rodeia Gregor Samsa não indicia nenhuma possibilidade de uma transformação tão radical quanto aquela de que é acometido o protagonista. Pelo contrário, constitui uma espécie de «contrafação do esquema das metamorfoses ovidianas e dos contos de fadas»[1], pois, ao contrário destas, na novela de Kafka não é dada a Gregor nenhuma hipótese de redenção, isto é de uma «transformação regressiva». O seu fim acaba por ser a morte, deixando «o corpo completamente raso e seco», portanto

[1] *Cf.* Joachim Pfeiffer (2001), *ibid.*, 73.

um escaravelho ressequido do qual a mulher da limpeza se desembaraça facilmente.

A presente tradução segue a edição crítica alemã da editora S. Fischer organizada por Hans-Gerd Koch, Wolf Kittler e Gerhard Neumann e toma por base a versão portuguesa *Franz Kafka,* «Os Contos, 1.º volume — Textos publicados em vida do autor», tradução de Álvaro Gonçalves, José Maria Vieira Mendes e Manuel Resende, org. de José Maria Vieira Mendes, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004.

Álvaro Gonçalves
Abril de 2013

I

Quando uma manhã Gregor Samsa acordou de sonhos inquietos, viu-se na sua cama transformado num monstruoso inseto. Estava deitado de costas, rijas como uma couraça, e, cada vez que levantava um pouco a cabeça, via a barriga castanha, abaulada e dividida por escoras em forma de anéis, no cimo da qual a coberta, prestes a resvalar por completo, mal se aguentava. As suas muitas patas, lastimavelmente delgadas em comparação com o resto do corpo, tremulavam, desamparadas, diante dos olhos.

«O que me aconteceu?», pensou ele. Não era um sonho. O seu quarto, um quarto normal, só que demasiado pequeno, estava ali, sossegado, entre as quatro paredes familiares. Por cima da mesa, sobre a qual se estendia um mostruário de tecidos desempacotado — Samsa era caixeiro-viajante —, estava pendurada a estampa que recortara recentemente de uma revista ilustrada e colocara numa bonita moldura dourada. Representava uma senhora, sentada direita com um chapéu de pele e uma boá, brandindo contra o espectador um pesado regalo de pele, que cobria por completo todo o seu antebraço.

O olhar de Gregor dirigiu-se então para a janela, e o tempo sombrio — ouvia-se o gotejar da chuva na chapa do parapeito — tornou-o profundamente melancólico. «Que

tal se dormisse ainda mais um pouco e me esquecesse de todas estas tolices», pensou, mas isso era totalmente inexequível, pois estava habituado a dormir sobre o lado direito, mas na situação presente não conseguia pôr-se nessa posição. Fosse qual fosse a energia que empregasse para se atirar para o lado direito, voltava a baloiçar para a posição de costas. Deve ter tentado umas cem vezes, fechou os olhos para não ter de ver as patas que se agitavam e só desistiu quando começou a sentir de lado uma dor ligeira, indistinta e nunca antes sentida.

«Ai, meu Deus», pensou, «que profissão cansativa fui escolher! A viajar, dia sim, dia não. As preocupações relacionadas com os negócios são muito maiores do que se estivesse na firma propriamente dita, para não falar neste tormento de viagens que me são impostas, a preocupação que se tem de ter com as ligações dos comboios, as refeições más e irregulares, um relacionamento humano sempre instável, nunca duradoiro e que nunca chega a ser afetuoso. Diabos levem tudo isto!» Sentiu uma leve comichão no cimo da barriga; arrastou-se lentamente sobre as costas em direção à cabeceira da cama a fim de poder levantar melhor a cabeça; encontrou o sítio da comichão, coberto de pequenos pontinhos brancos, que não soube explicar; e quis tocar no sítio com uma pata, mas retirou-a de imediato, pois ao tocar, sentiu-se invadido por uma sensação de calafrio.

Deslizou de novo para a posição anterior. «Isto de acordar cedo», pensou, «torna uma pessoa completamente estúpida. Uma pessoa precisa do seu sono. Outros caixeiros-viajantes vivem como mulheres num harém. Quando, por exemplo, regresso à pensão durante a manhã para averbar as encomendas conseguidas, ainda estes senhores estão

a tomar o pequeno-almoço. Eu que experimentasse fazer isso com o meu chefe; ia logo para a rua. Quem sabe, já agora, se não seria o melhor para mim. Se não fosse eu conter-me por causa dos meus pais, há muito que me tinha despedido, dirigia-me ao chefe e abria-lhe a minha alma. Havia de cair da secretária! Também é um hábito estranho, esse de se sentar em cima da secretária e falar de cima para baixo com o empregado, que, de mais a mais, tem de aproximar-se bem perto dele por causa da surdez do chefe. Pois bem, ainda não perdi por completo a esperança; quando conseguir juntar o dinheiro para lhe pagar a dívida dos pais — isso deve demorar ainda cinco a seis anos —, fá-lo-ei sem falta. Então será a grande rutura. No entanto, por agora, tenho de me levantar, o meu comboio parte às cinco horas.»

E olhou para o despertador, que fazia tiquetaque em cima do armário. «Santo Deus!», pensou. Eram seis e meia, e os ponteiros avançavam tranquilamente, já passava da meia hora, era quase um quarto para as sete. Será que o despertador não tocou? Via-se da cama que o relógio estava regulado corretamente para as quatro horas; certamente que tinha tocado. Sim, seria possível continuar a dormir tranquilamente com um toque que chegava a fazer vibrar os móveis? Bem, não tivera propriamente um sono tranquilo, mas, talvez por isso mesmo, fora ainda mais profundo. Mas o que havia ele de fazer agora? O próximo comboio partia às sete horas; para o apanhar, tinha de se despachar que nem um louco, e o mostruário ainda não estava empacotado, e ele próprio não se sentia nada fresco nem ágil. E mesmo que conseguisse

apanhar o comboio, era inevitável a gritaria do chefe, pois o empregado da firma esperara pelo comboio das cinco horas e tinha há muito comunicado a sua falta. Não passava de uma criatura do chefe, sem dignidade nem inteligência. Que tal se desse parte de doente? Mas isso seria extremamente embaraçoso e suspeito, pois Gregor, durante os seus cinco anos de serviço, não estivera sequer uma única vez doente. Certamente que o chefe viria com o médico da caixa de previdência, censuraria os pais por terem um filho preguiçoso e rejeitaria sumariamente todas as objeções, reportando-se ao médico da caixa de previdência, para quem existem apenas pessoas completamente saudáveis, ainda que mandrionas. Aliás, será que, neste caso, ele estaria assim tão errado? Tirando uma sonolência na verdade supérflua após um longo sono, Gregor sentia-se de facto muito bem e estava com uma fome particularmente intensa.

Enquanto refletia precipitadamente sobre tudo isto, sem conseguir tomar a decisão de abandonar a cama — o despertador acabava de marcar um quarto para as sete — ouviu-se bater à porta junto à cabeceira da sua cama. «Gregor», ouviu-se dizer — era a mãe —, «é um quarto para as sete. Tu não querias sair?» A doce voz! Gregor assustou-se ao ouvir a sua própria voz a responder, era inconfundivelmente a sua voz de sempre, mas com a qual se misturava, como que vindo lá de baixo, um piar doloroso, impossível de reprimir, que, na verdade, deixava expressar as palavras com clareza apenas no primeiro momento, para depois as destruir numa ressonância tal que não se sabia se se tinha ouvido bem ou não. Gregor quisera responder e explicar

pormenorizadamente, mas, tendo em conta as circunstâncias, limitou-se a dizer: «Sim, sim, obrigado mãe, já me levanto.» É provável que, por a porta ser de madeira, a alteração na voz de Gregor não se tenha notado lá fora, pois a mãe, satisfeita com esta explicação, afastou-se, arrastando os pés. Mas a pequena troca de palavras fez com que os outros membros da família se tivessem apercebido de que Gregor, ao contrário do que seria de esperar, ainda se encontrava em casa, e já o pai batia suavemente mas com o punho numa das portas laterais. «Gregor, Gregor», chamou ele, «o que se passa?» E, pouco depois, voltou a advertir com uma voz mais grave: «Gregor! Gregor!» Mas na outra porta lateral era a irmã que se lamentava baixinho: «Gregor? Não te sentes bem? Precisas de alguma coisa?» Gregor respondia para ambos os lados: «Estou quase pronto», e, com uma pronúncia cuidada e introduzindo longos intervalos entre cada uma das palavras, esforçava-se por retirar à sua voz tudo o que chamasse a atenção. O pai regressou ao seu pequeno-almoço, mas a irmã sussurrou ainda: «Gregor, abre a porta, imploro-te.» Mas Gregor não tinha a mínima intenção de a abrir, antes pelo contrário, louvava a prudência adquirida nas viagens, de trancar todas as portas durante a noite, mesmo estando em casa.

Antes de mais, queria levantar-se calmamente e sem ser incomodado, vestir-se e, sobretudo, tomar o pequeno-almoço e, só depois, pensar no resto, pois, como acabara de notar, na cama, com as suas reflexões, não chegaria a nenhuma conclusão razoável. Lembrava-se de ter sentido frequentemente na cama uma qualquer ligeira dor provocada

por uma má posição, que, ao levantar-se, se revelara puramente imaginária, e estava ansioso por ver como as impressões de hoje desapareceriam pouco a pouco. Que a alteração da voz não passava do indício de uma valente constipação, uma doença profissional dos caixeiros-viajantes, não tinha a menor dúvida.

Foi extremamente fácil deixar cair a coberta; precisou apenas de encher um pouco o peito de ar e ela caiu por si. A partir daí as coisas tornaram-se mais difíceis, sobretudo porque ele era invulgarmente largo. De resto, teria precisado de braços e mãos para se sentar na cama; em vez disso, tinha somente as muitas patinhas que se movimentavam ininterruptamente nas mais variadas direções e que, para além disso, não conseguia controlar. Sempre que queria fletir uma delas, era logo a primeira a esticar-se; e quando finalmente conseguia executar com esta pata aquilo que queria, todas as outras, entretanto, entravam em ação, como que libertas, numa agitação descontrolada e dolorosa. «Tudo menos ficar na cama sem fazer nada», disse para si próprio Gregor.

Primeiro queria sair da cama deslocando a parte inferior do corpo, mas esta parte inferior, que, de resto, ainda não vira e da qual não podia fazer uma ideia precisa, revelou-se demasiado difícil de movimentar; estava a ser tudo tão lento; e quando, finalmente, já enfurecido, se atirou com toda a força para a frente, sem nenhum cuidado, escolhera mal a direção, pois bateu violentamente contra a parte inferior do pé da cama, e a dor aguda que sentiu ensinou-lhe que precisamente a parte inferior do corpo era a mais sensível.

Por isso fez os possíveis para retirar primeiro a parte superior do corpo, virando cuidadosamente a cabeça para

a borda da cama. Foi fácil fazê-lo, e apesar da largura e do peso, a massa do corpo seguiu por fim, a pouco e pouco, a viragem da cabeça. Mas quando finalmente manteve a cabeça suspensa, fora da cama, teve medo de continuar a avançar desta maneira, pois se se deixasse cair assim, só por milagre a cabeça não ficaria ferida. Perder os sentidos era o que menos lhe interessava, sobretudo agora; preferia continuar na cama.

Mas quando, após um esforço idêntico, voltou a ficar deitado, a suspirar como dantes, e viu de novo as suas patinhas lutando umas contra as outras, porventura ainda com mais força, e não descortinando nenhuma possibilidade de impor ordem e sossego nesta arbitrariedade, disse de novo para si próprio que era impossível continuar deitado e que o mais razoável seria sacrificar tudo, caso houvesse a mais pequena esperança de, assim, se libertar da cama. Ao mesmo tempo, não se esquecia de, ocasionalmente, pensar que era muito melhor refletir o mais calmamente possível do que tomar decisões desesperadas. Nesses momentos, fixava o olhar na janela com a maior concentração possível, mas infelizmente a contemplação do nevoeiro matinal, que chegava até a encobrir o outro lado da estreita rua, oferecia-lhe pouca confiança e alegria. «Sete horas já», disse para si próprio, quando o despertador tocou de novo, «sete horas já, e ainda um nevoeiro destes.» E continuou deitado durante alguns instantes, sossegado, respirando calmamente, como se, do silêncio profundo, esperasse talvez o regresso da situação real e normal.

Mas depois disse para si próprio: «Antes das sete e um quarto tenho de estar, sem falta, completamente fora da cama. De qualquer modo, até lá, há de aparecer aqui alguém